◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2023

ANO 8 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: JOEL SILVA

"Não fotografo o sofrimento sem autorização"

O fotojornalista Joel Silva já cobriu conflitos e fala dos riscos e dilemas do fotojornalismo de guerra

Reportagem: Érica Proença e Isabelle Carlim

Joel Silva é um fotojornalista mineiro, formado em fotografia pela Escola de Artes Bauhaus, de Ribeirão Preto. Começou a trabalhar como repórter fotográfico no jornal Folha de S. Paulo em 1994 e continuou lá durante 24 anos. Após experiências em campos de guerras, em meio a muito sofrimento físico e emocional, Joel Silva decidiu parar com coberturas em combates para ficar com a família. Atualmente, o fotojornalista tem apresentado um novo trabalho, o de fotos aéreas realizadas por meio de drones. Hoje trabalha de forma autônoma, comercializando suas fotos que já foram publicadas no The New York Times, Wall Street Journal, Washington Post e El País. Com o mundo vivenciando atualmente mais uma guerra entre israelenses e palestinos, Joel Silva aborda suas experiências pessoais e sua visão do que tem se passado no planeta.

O mundo está vivendo conflitos violentos como se vê nas cenas de guerra na Faixa de Gaza, por exemplo, entre Israel e o Hamas. Você tem vontade de pegar sua câmera e correr para lá?
Eu não quero ir para a guerra meramente porque traz adrenalina, tem todo um contexto da necessidade de um profissional com experiência olhar para essas situações e enxergar ali uma oportunidade. Existe uma necessidade de traduzir o que acontece nessas regiões. Porque eu acho que a maior carência das pessoas é de informação, e essa é a nossa função como jornalista, traduzir isso. Eu sinto que às vezes é importante um olhar nosso, latino.

Guerras podem ser fatais inclusive para jornalistas que se dedicam inteiramente para entregar um trabalho na íntegra e completo para o público do mundo todo. Como você se prepara para uma cobertura em uma zona de conflito?
Olha, na verdade, nós nunca estamos preparados. Não existe uma receita. Quando você embarca para esse tipo de cobertura, você tem em mente a concentração de estar fazendo o seu trabalho. 'Vamos morrer ou podemos morrer', a gente procura não pensar muito nisso, porque isso é um fator de desequilíbrio emocional e uma coisa que você não pode ter numa zona de guerra é exatamente esse desequilíbrio emocional.

Como funciona o processo de entrada em ambientes de conflitos? Quais são os protocolos para dar entrada em uma zona de guerra?
Não existe protocolo. Por exemplo na Líbia, eu atravessei pela fronteira do Egito para para chegar até à cidade tomada pelos rebeldes no leste da Líbia e que eles transformaram numa capital. Eu atravessei a fronteira na Líbia às quatro da manhã no deserto. Muitas vezes você entra numa zona de guerra clandestinamente.

Como o fotojornalista pode impactar a compreensão global desses conflitos? Como por exemplo a sua cobertura da ocupação no Morro do Alemão?
Eu acho primordial estar onde não existe o trabalho da imprensa. Onde não existe democracia, não existe liberdade. É fundamental no nosso trabalho ter esse entendimento. Eu comecei a entender a necessidade de mais lentes, mais olhos de jornalistas numa região onde o Estado falha, onde nada funciona. É primordial. O Morro do Alemão é um lugar onde o Estado não entra. Essa é uma leitura importantíssima que só o jornalismo pode fazer, só você está preparado para entender a linguagem, entender a dinâmica, entender o processo, é a nossa função.

Quais são os seus critérios para o processo de escolha de fotos a serem vendidas e veiculadas?
Se elas têm informação. Se as informações que eu quero passar a vocês estão contidas nela, ela é boa. Você está cercado de conhecimento, de informação, na verdade. E aí você está em busca daquela imagem que representa aquilo que você quer informar. Na hora que encontra, ela é uma foto boa.

Como o senhor equilibrou o desejo de capturar imagens com a ética de respeitar a privacidade e a dignidade das pessoas e das famílias afetadas nas áreas dos conflitos que cobriu?
É muito difícil, é uma linha muito tênue da ética de respeitar o momento e ao mesmo tempo ter que fazer a foto. Não tem nada em papel escrito. Toda vez que eu entro numa situação que tem pessoas sofrendo, se eu puder criar um canal de autorização, tento ser o mais discreto possível.

O trabalho de um fotojornalista busca mostrar ao público a parte mais crua de um fato. Sendo assim, como o senhor se organizou para conseguir a captura de imagens sem afetar a sua segurança pessoal?
Não tem muito como avaliar. É uma coisa de olho, você olhar para a pessoa se identificar como fotógrafo, ela sabe que você é jornalista, que você vai fazer o seu trabalho. Então muitas coisas ficam pressupostas ali. Mas não tem uma regra, é óbvio. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO
Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO
Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO
Janio Warlem (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)